

**Submissão**

25-09-2023

Aprovação

27-10-2023

Como citar este artigo

Dios-Aguado M,
Peters AA, Silva DM,
Carvalho MOF,
Queirós PJP,
Cotto-Andino M.
Carmen Angolotti y
Mesa, compromiso con
la persona que sufre.
Hist Enferm Rev
Eletrônica. 2023;14:a11.
[https://doi.org/10.51234/
here.2023.v14.e11](https://doi.org/10.51234/here.2023.v14.e11)

Autor correspondente

Davi Milleli Silva
E-mail: [davimilleli@
gmail.com](mailto:davimilleli@gmail.com)

Carmen Angolotti y Mesa, compromisso com a pessoa em sofrimento

Carmen Angolotti y Mesa, commitment to the person in suffering

Carmen Angolotti y Mesa, compromiso con la persona que sufre

Mercedes de Dios-Aguado^I ORCID: 0000-0002-8729-2768

Angela Aparecida Peters^{II} ORCID: 0000-0002-0363-8371

Davi Milleli Silva^{III} ORCID: 0000-0003-1577-6795

Milena de Oliveira Figueiredo Carvalho^{IV} ORCID: 0009-0001-0034-6912

Paulo J. Pina Queirós^V ORCID: 0000-0003-1817-612X

Maylene Cotto-Andino^{VI} ORCID: 0000-0002-0975-607X

^I Servicios de Salud Castilla-La Mancha. (SESCAM), Centro de Salud de Silleria, Toledo, España.

^{II} Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, Brasil.

^{III} Grupo de Pesquisa de História da Enfermagem e de Saúde Mental (LAPHISM). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Brasil.

^{IV} Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Brasil.

^V Unidad de Investigación en Ciencias de la Salud: Enfermería (UICISA: E), Escuela Superior de Enfermería de Coimbra (ESEnfC), Coimbra, Portugal.

^{VI} Centro de Lenguas Universidad de Castilla La Mancha, Toledo, España.

RESUMO

Em 1921, o Protetorado Espanhol em Marrocos foi atacado pelo cadí rifeño Abd el-Krim, causando a Guerra do Rife. O conflito teve participação de enfermeiras heroínas, que cuidaram dos feridos de forma altruísta sem esperar nada em troca, colocando suas vidas em perigo. Objetivo: estudar a vida de Carmen Angolotti y Mesa, enfermeira da Cruz Vermelha Espanhola, que sempre teve um compromisso social com a pessoa em sofrimento. Resultados/Discussão: a Duquesa de Vitória, dama da Rainha Vitória Eugénia de Battenberg, liderou a missão humanitária composta por enfermeiras profissionais enviada a Melilha pela Cruz Vermelha Espanhola para atender a tragédia socio sanitária causada pela Guerra do Rife. Em 1925, foi agraciada com a Medalha Florence Nightingale por seu trabalho na missão. Foi presa durante a Guerra Civil Espanhola, e finalmente libertada em 1937. Conclusão: A honestidade de Carmen Angolotti y Mesa, sua capacidade de gestão e de realizar o trabalho de enfermagem com profissionalismo devem servir de exemplo para as novas gerações de enfermeiros. **Descritores:** Carmen Angolotti y Mesa; Guerra do Rife; Cruz Vermelha Espanhola; História da enfermagem.

RESUMEN

En 1921, el protectorado español en Marruecos fue atacado por el cadí rifeño Abd el-Krim, originando la Guerra del Riff. El conflicto tuvo enfermeras heroínas que altruísticamente cuidaron a los heridos, sin esperar nada a cambio y exponiendo su vida en peligro. Objetivo estudiar la vida de Carmen Angolotti y Mesa, enfermera de Cruz Roja Española que siempre mantuvo un compromiso social con el que sufre. Resultados/Discusión: La Duquesa de la Victoria, dama de la reina Victoria Eugenia de Battenberg, dirigió la misión humanitaria compuesta por enfermeras profesionales, que Cruz Roja Española envió a Melilla, para dar respuesta a la tragedia socio-sanitaria provocada por la Guerra del Riff. En 1925 obtuvo la Medalla Florence Nightingale por su trabajo en la misión. Durante la Guerra Civil Española fue encarcelada y finalmente liberada en 1937. Conclusión: Su honestidad, su capacidad gestión y su habilidad para desarrollar el trabajo enfermero con profesionalidad, deben servir de ejemplo para las nuevas generaciones de enfermeras y enfermeros.

Descriptor: Carmen Angolotti y Mesa; Guerra del Riff; Cruz Roja Española; Historia de la enfermería.

ABSTRACT

In 1921, the Spanish protectorate in Morocco was attacked by the Riffian qadi Abd el-Krim, causing the Rif War. The conflict had heroine nurses who altruistically cared for the wounded without expecting anything in return and putting their lives at risk. Objective: to study the life of Carmen Angolotti y Mesa, a Spanish Red Cross nurse who always demonstrated social commitment with the person in suffering. Results/Discussion: The Duchess of Victoria, lady of the Queen Victoria Eugenie of Battenberg, led the humanitarian mission composed of professional nurses that were sent to Melilla by the Spanish Red Cross to assist in the social and health tragedy caused by the Rif War. In 1925, she was awarded the Florence Nightingale Medal for her work on the mission. During the Spanish Civil War, she was imprisoned and finally released in 1937. Conclusion: her honesty, management skills and ability to carry out the nursing work with professionalism should serve as an example for new generations of nurses.

Descriptors: Carmen Angolotti y Mesa; Rif War; Spanish Red Cross; Nursing History

INTRODUÇÃO

Para compreender e valorizar adequadamente a biografia de Carmen Angolotti y Mesa, Duquesa de Vitória, é imprescindível dedicar algumas palavras a explicar a origem da Guerra do Rife, que acarretou a Batalha de Annual.

A origem do Protetorado Espanhol em Marrocos remonta ao início do século XX, quando o Império Marroquino, mergulhado em guerra civil, provocou tensões entre França, Alemanha e Inglaterra pelo controle do Estreito de Gibraltar, dando origem à Conferência de Algeciras de 1906⁽¹⁾. Na ocasião, com o intuito de pacificar a área, os embaixadores dos referidos países assinaram um compromisso com o Sultanato de Marrocos, em que foi estabelecido um protetorado no país⁽²⁾. Posteriormente, em 27 de novembro de 1912, França e Espanha assinaram um acordo para dividir o território, que configurou duas áreas geográficas muito diferentes no Protetorado Espanhol em Marrocos; uma zona sul próxima ao Saara Espanhol e uma zona norte composta pela região do Rife, local habitado por 76 tribos beligerantes de origem Berbere^(1,2).

Desde sua origem, a zona norte foi alvo de perseguição pelo controle e exploração das minas de ferro da região do Rife. O estado espanhol enviou 50.000 soldados a fim de pacificar a região do Rife e durante a Primeira Guerra Mundial, concedeu benefícios a grandes famílias das tribos Berberes com a intenção de evitar um conflito armado, já que a Espanha era um país neutro⁽³⁾. Figura 1.

Terminada a grande guerra, o Protetorado Espanhol parecia ser um território próspero e pacífico, controlado pelos generais Dámaso Berenguer (Alto Comissário de Marrocos) e Manuel Fernández Silvestre (Comandante Geral de Melilha)⁽⁴⁾. Porém, a realidade foi bastante diferente, já que sob comando destes soldados, em 22 de julho de 1921, seguindo as ordens do cadí do Rife Abd el-Krim, as tribos rifeñas atacaram de surpresa o sítio militar de Annual, destruindo as suas

linhas defensivas e causando grande confusão nas tropas do exército. Este fato provocou a perda de armamento de guerra, a dissolução da infantaria e o aniquilamento do regimento de cavalaria número 10 de Alcántara em um desastre considerável, que representou a maior derrota do exército espanhol da história^(3,4).

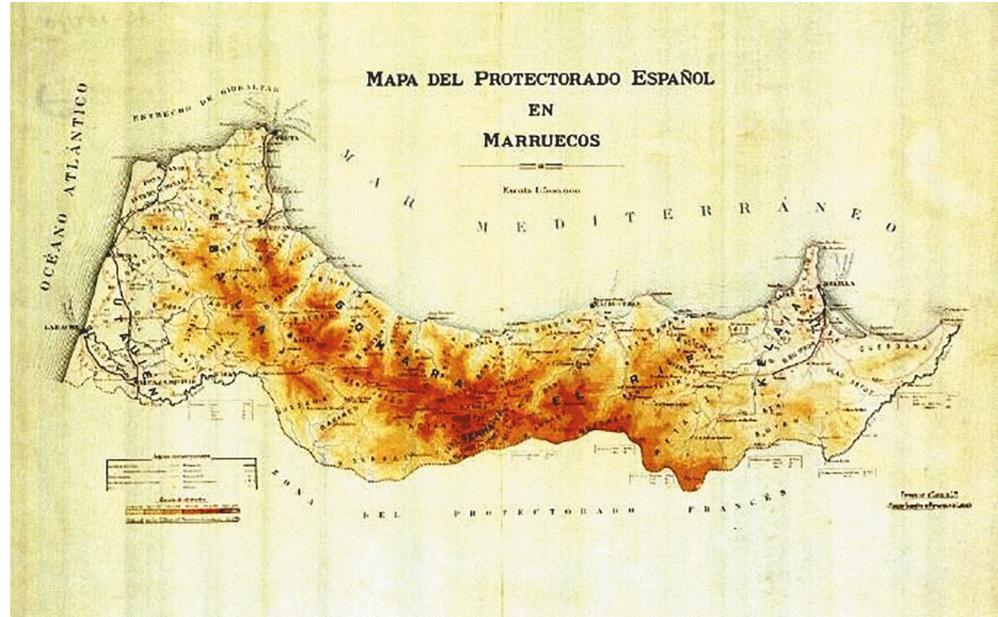


Figura 1 - Mapa da zona norte do Protetorado Espanhol. Fonte: Exposição sobre o Protetorado Espanhol em Marrocos. BIBLIOAECIDMADRID.

A batalha de Annual causou entre 13.000 e 19.000 mortes e 5.000 feridos, que colapsaram os hospitais da região, e a cidade de Melilha foi sitiada pelo exército rifenho. Esse triunfo magnânimo levou Abd el-Krim a declarar o Rife uma república independente em 4 de setembro de 1921⁽³⁾. A catástrofe de Annual provocou uma convulsão institucional na Espanha, que eclodiu em grande tempestade política e acabou por minar a credibilidade do rei Afonso XIII, dificultando o seu reinado⁽⁴⁾.

Em 8 de setembro de 1925, com ajuda do exército francês, ocorreu o Desembarque de Alhucemas, que provocou a progressiva perda de poder do Abd-el-Krim e a sua posterior rendição em 26 de maio de 1926, colocando fim à República do Rife em 27 de maio e, conseqüentemente, à disputa⁽⁵⁾.

Neste conflito armado, como em qualquer outro, soldados deram a vida pelo país e foram considerados heróis por sua bravura. Também houve enfermeiras heroínas que cuidaram altruisticamente dos feridos de ambos os lados, sem esperar nada em troca, colocando sua vida em perigo durante a guerra. Uma dessas heroínas foi Carmen Angolotti y Mesa, enfermeira que prestou seu trabalho assistencial tanto no campo de batalha, quanto nos diversos hospitais construídos na região. Seu feito dentro da Cruz Vermelha Espanhola foi promover o transporte aeromédico como meio seguro e eficaz para evacuar os feridos mais graves da região do Rife para a península⁽⁶⁾.

A justificativa deste estudo reside em conhecer esta enfermeira espanhola, cujo compromisso com a pessoa em sofrimento perdurou pela vida e foi exemplo para gerações de enfermeiras formadas na Cruz Vermelha. Entretanto, seu legado não é muito conhecido nos meios de enfermagem fora da Espanha.

OBJETIVO

Estudar a vida de Carmen Angolotti y Mesa, uma aristocrata que desenvolveu sua vocação de enfermeira na Cruz Vermelha Espanhola.

MÉTODOS

Revisão historiográfica da vida de Carmen Angolotti y Mesa. No desenvolvimento da pesquisa, a primeira fase envolveu uma busca por palavras-chave em fontes primárias no Centro de Documentação da Cruz Vermelha Espanhola e na Biblioteca Nacional da Espanha. Na segunda fase, uma pesquisa bibliográfica foi realizada nas bases de dados eletrônicas SciELO, Dialnet, Cuiden, JSTOR (sistema de armazenamento online de publicações acadêmicas), CINAHL, Science Direct e Google Academic. Operadores booleanos (AND, OR, NOT) foram utilizados para vincular as palavras-chave. Na terceira fase, foram consultados livros publicados relacionados ao tema. Na fase final, os textos duplicados foram eliminados, e descartados aqueles não diretamente relacionados ao tema. No total, foram selecionados 22 documentos para realizar este artigo original sobre a vida de Carmen Angolotti y Mesa.

As informações foram analisadas seguindo o Modelo Estrutural Dialético do Cuidado (MEDC), que permite obter uma visão global dos fenômenos históricos relevantes entrelaçados com a vida de Carmen Angolotti y Mesa a partir da perspectiva da enfermagem⁽⁷⁾. A metodologia MEDC se baseia em estruturas de apoio ao processo de organização e análise dos dados. Foram desenvolvidos três blocos temáticos intitulados: Carmen Angolotti y Mesa, paixão pela enfermagem; A Duquesa de Vitória em missão humanitária na Guerra do Rife; e Carmen Angolotti y Mesa como enfermeira vinculada à Cruz Vermelha Espanhola.

A maior parte da informação selecionada para o desenvolvimento deste estudo foi extraída de fontes primárias localizadas no arquivo do centro de documentação da Cruz Vermelha Espanhola e na biblioteca privada de um dos autores. Dentre os documentos encontrados, merece destaque a carta de libertação da Duquesa de Vitória.

Tabela 1 - Números dos artigos/documentos/selecionados

TIPO DE DOCUMENTO	Nº REVISADOS	Nº SELECIONADOS
Artigos de Periódicos	15	8
Documentos de alto valor	30	2
Sites da internet	4	2
Livros	21	10
TOTAL	70	22

Fonte: elaborado pelos autores

RESULTADOS/ DISCUSSÃO

Carmen Angolotti y Mesa, paixão pela enfermagem

Nascida em 7 de setembro de 1875 na cidade de Madrid em seio de família abastada, filha de pai era jurista, Chefe da Administração do Tesouro, deputado nas Cortes de San Juan de Porto Rico, senador por Orense e presidente da câmara de comércio de Madrid, que promoveu educação primorosa para sua filha⁽⁸⁾. Em 1892, quando Carmen se casou com Pablo Montesino Fernández de Espartaco (1867-1936), coronel de cavalaria, membro da Guarda Real, III Duque de Vitória e III Conde de Luchana, recebeu do marido os títulos de consorte⁽⁸⁾. Em 1905, quando este foi nomeado adido militar na Embaixada da Espanha na Alemanha, o casal viajou pela Europa, fato que viria a ser muito útil em sua vida⁽⁸⁾. Em 16 de fevereiro de 1911, foi condecorada com o broche de brilhantes distintivo de dama da Rainha Vitória Eugénia de Battenberg, tornando-se colaboradora, confidente, amiga pessoal e braço direito de Sua Majestade⁽⁸⁾.

Em 1914, Carmen Angolotti, comprometida com o movimento internacional da Cruz Vermelha, e a Rainha, que era presidente da entidade na Espanha, criaram o Corpo de Senhoras Enfermeiras da Instituição⁽⁹⁾. Nesse mesmo ano, com o real desejo de cuidar de pessoas em situação de vulnerabilidade, elas fundaram várias clínicas antituberculose em Madrid. A Duquesa de Vitória, comprometida com a pessoa em sofrimento e com a firme intenção de cuidar dos necessitados, iniciou sua formação

como Enfermeira de Segunda Classe da Cruz Vermelha Espanhola em 1917, graduando-se em 15 de abril, 1918. Prosseguiu com seus estudos, e em 25 de junho de 1920, qualificou-se como Enfermeira de Primeira Classe⁽¹⁰⁾.

Como firmes defensoras da enfermagem profissional, em 1918, a Rainha e Carmen Angolotti conseguiram que a Assembleia de Senhoras da Cruz Vermelha Espanhola cedesse a Casa de Saúde de San José e Santa Adela para transformá-la no Hospital Escola Central da Cruz Vermelha, criando assim a primeira escola de enfermeiras profissionais da Espanha⁽¹¹⁾. A Duquesa, com a sua inquestionável capacidade organizacional, vasta experiência de gestão em clínicas antituberculose e como Presidente da Direção Hospitalar, conseguiu que o Hospital Escola Central da Cruz Vermelha fosse reconhecido pelas autoridades sanitárias da época como um centro de referência pela qualidade do cuidado às pessoas doentes⁽¹²⁾.

A Duquesa de Vitória em uma missão humanitária na Guerra do Rife

A Rainha Vitória Eugénia de Battenberg, na qualidade de presidente da Assembleia Suprema da Cruz Vermelha, para atender à tragédia socio-sanitária causada pela catástrofe da Batalha de Annual, ordenou o envio de uma missão humanitária composta por enfermeiras para cuidar dos feridos em Marrocos^(6,11). Para tanto, confiou à Duquesa de Vitória a tarefa de organizar a atividade assistencial da Cruz Vermelha na região do Rife. Atribuiu-lhe a função de presidente da Cruz Vermelha na região, o cargo de Inspectora Geral dos Hospitais em Marrocos e nomeou-a chefe da missão^(8,10-12). Ao mesmo tempo, o marido da Duquesa, um coronel de cavalaria, pediu a seus superiores que fosse enviado para a África, o que foi concedido pelo Rei. Depois, o casal, comprometido com o povo em sofrimento e em defesa da coroa, rumou voluntariamente para Melilha^(8,10).

Em 28 de julho de 1921, quando os membros da missão humanitária desembarcaram em Melilha, descobriram uma catástrofe sanitária sem precedentes e compreenderam o desastre humanitário pela falta de higiene na cidade e mau cheiro que emanava dos feridos, revelando o colapso nos hospitais. Entretanto, o mais dantesco e chocante foi observar a insensibilidade dos profissionais de saúde no tratamento dado às pessoas em sofrimento^(8,13,14).

Para lançar a missão humanitária, a Duquesa de Vitória teve que transpor inúmeros obstáculos, incluindo a rígida estrutura militar. Os comandantes militares de Melilha não tiveram boa vontade para aceitar em seu serviço médico que o critério estabelecido por Carmen Angolotti fosse imposto pelas enfermeiras formadas na Cruz Vermelha. A liderança militar recomendou que retornassem para casa no mesmo dia de seu desembarque, alegando que ali não teriam nada para fazer, nem poderiam ajudar^(8,15).

Nestas circunstâncias, como se pode imaginar, o trabalho não foi fácil para as enfermeiras da Cruz Vermelha. Porém, Carmen Angolotti, acompanhada por Elvira López Mourín e as irmãs de caridade Luisa, María de la Paz e Matilde Sancho Miñano Velázquez; Carmen Merry del Val y Rámila; Maria Benavente Barbará; Concepción Heredia y Grund, com sua vocação, vontade e senso de dever, conseguiram, em tempo recorde, estabelecer critérios de triagem onde os feridos eram tratados com base na gravidade de seus ferimentos, e não de acordo com sua patente militar^(14,15). Estabeleceram e fizeram cumprir regras básicas de vigilância aos internados, e com sua caridade através do diálogo, cuidaram igualmente de todos os feridos, o que erradicou dos hospitais o desprezo pela vida das pessoas consideradas inimigas, mas em sofrimento^(14,15). Mesmo na transferência de feridos e cadáveres, impuseram as regras de regimento da Cruz Vermelha⁽¹⁵⁾. Como atestam as narrativas da época, as enfermeiras da missão humanitária liderada por Carmen Angolotti supervisionaram a transferência de feridos do campo de batalha para os centros de saúde, fecharam os caixões com as próprias mãos e supervisionaram o transporte destes para o campo sagrado, de forma a conceder um enterro cristão aos mortos no desastre de Annual^(8,14,15).

Admiravelmente, em pouco tempo, todos os hospitais militares de Melilha atingiram ótimo nível de atendimento. Em todos eles, a Duquesa de Vitória impôs exaustiva limpeza dos espaços, trabalho em turnos para a equipe, controle rigoroso da infecção pós-operatória e vestimenta limpa para todos os pacientes, bem como alimentação adequada e tratamento humanizado, independente do lado a que pertencessem⁽¹⁴⁾. Figura 2



Fonte: Centro de Documentação da Cruz Vermelha Espanhola

Figura 2 - Carmen Angolotti y Mesa, Duquesa de Vitória, no Hospital de Melilla.

Em 4 de agosto de 1921, foi inaugurado um novo hospital do sangue na Escuela de los Hermanos de la Doctrina Cristiana, do qual faziam parte os médicos Fernando Calatraveño y Valladares, Mariano Gómez Ulla, Víctor Manuel Nogueras, Luque y Serra⁽¹⁵⁾. As obras foram supervisionadas pelo marido da Duquesa, e o mesmo foi feito em cada hospital do sangue instalado ao longo das frentes⁽⁸⁾.

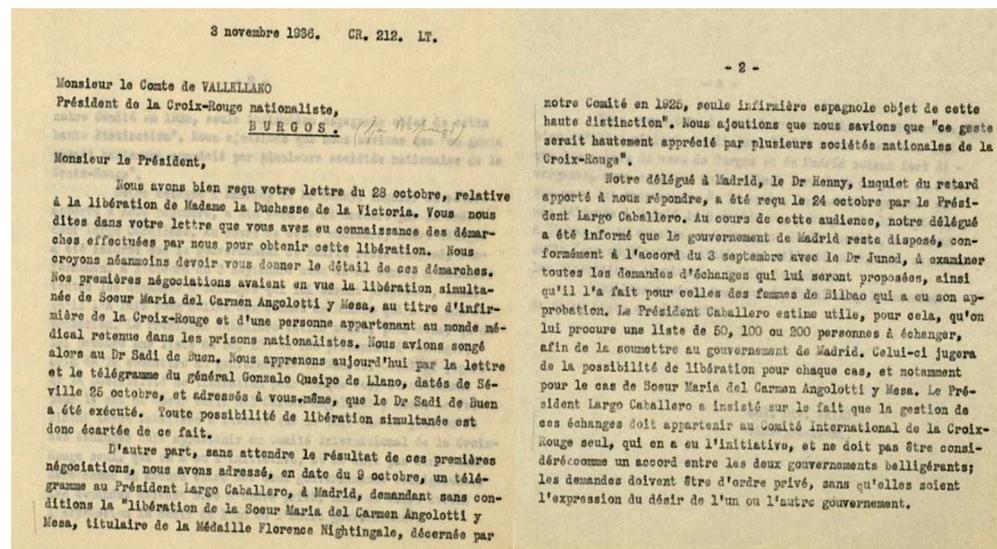
Após a estabilização da região, os feridos foram evacuados para os diferentes hospitais da península, utilizando comboios médicos e navios-hospitais com os navios Barceló, Andalucía, Villarreal e Alicante atribuídos para a missão⁽⁶⁾. De acordo com informação dos documentos, ao viajar em qualquer transporte médico, Carmen Angolotti atuava como enfermeira no trajeto, realizando todo tipo de tarefa; limpeza, curativo ou instrumentação na sala de cirurgia. Mais tarde, em diversas ocasiões, experimentou em primeira mão os desconfortos da guerra, as intempéries e o mau cheiro dos ferimentos^(8,14-16).

A Duquesa de Vitória, sempre preocupada com os soldados feridos em campos de batalha de difícil acesso, em 1 de novembro de 1922, ordenou que o General Burguete partisse do aeródromo de Nador em direção à zona de combate com três aviões e uma equipe cirúrgica liderada pelo comandante médico Noguera, acompanhado pela enfermeira Elvira López Mourín^(6,16). Assim que pousaram em uma linha de frente segura, a equipe cirúrgica começou a operar, de modo que quando Carmen Angolotti chegou à região em transporte convencional com o restante da equipe no dia seguinte, observou significativa redução no número de vítimas, pois os feridos graves tinham recebido assistência imediata⁽⁶⁾. Essa valorização marcou o começo de uma inovação sanitária, pois a partir de então, a Duquesa de Vitória fez todo o possível para que os feridos graves fossem evacuados por via aérea para os hospitais da península^(6,16). Em 8 de junho de 1923, o Tenente Carbones foi evacuado do campo de batalha para Nador em um Breguet 14, iniciando um transporte aeromédico incipiente, e em 10 de setembro de 1925, o Capitão José Castro Garnica foi evacuado em um Junker F13 da Cruz Vermelha⁽⁶⁾. A partir dessa transferência, Carmen Angolotti garantiu que todos os feridos graves fossem evacuados por transporte aeromédico do campo de batalha para os hospitais de Melilla, Ceuta ou a península, o que era facilitado por aviões que aterrissavam em alguma praia perto de hospitais do sangue onde os feridos estavam sendo estabilizados^(6,15).

Carmen Angolotti y Mesa como enfermeira vinculada à Cruz Vermelha

A Duquesa de Vitória recebeu múltiplos prêmios ao longo da sua vida como enfermeira da Cruz Vermelha, mas é fundamental destacar a Medalha Florence Nightingale, distinção atribuída pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha em 1925 por seu trabalho na missão humanitária da Guerra do Rife^(8,17).

Após o fim da guerra, Carmen Angolotti serviu como Diretora dos Hospitais da Cruz Vermelha Espanhola até 14 de abril de 1931, quando foi proclamada a Segunda República Espanhola, circunstância que provocou o exílio dos Reis e afetou diretamente os Duques de Vitória, que pela fidelidade aos monarcas, exilaram-se com eles⁽⁸⁾. Os Duques regressaram antes de 18 de julho de 1936, início da Guerra Civil Espanhola, mas como outros cidadãos, foram presos em seus domicílios pelos republicanos⁽¹⁷⁾. O Duque foi preso em uma prisão *checa*, mas por defender a coroa e se recusar a servir no Exército da República, foi fuzilado em 3 de novembro de 1936^(1,19). Carmen Angolotti foi presa e enviada para a prisão de San Rafael em Madrid até que, no final de novembro de 1936, foi libertada graças à mediação da Cruz Vermelha Internacional⁽¹⁷⁻¹⁹⁾. Assim que as autoridades do lado rebelde libertaram a Duquesa de Vitória, conforme solicitado pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (figura 3), Carmen Angolotti se mudou para Marselha em janeiro de 1937, mas rapidamente regressou à Espanha para se juntar às fileiras nacionais e organizar a assistência da Cruz Vermelha^(8,18,19). Figura 3



Fonte: Centro de Documentação da Cruz Vermelha

Figura 3 - Carta de libertação da Duquesa de Vitória

Durante os anos de 1936 e 1939, período de atividade da Guerra Civil Espanhola, havia duas organizações da Cruz Vermelha na Espanha. Ambas as instituições respeitaram os princípios da entidade e através de jurisdições internacionais, inúmeras situações dramáticas puderam ser resolvidas⁽²⁰⁾. No entanto, o fim da guerra deu lugar à Ditadura de Franco e as duas organizações da Cruz Vermelha tiveram de ser convertidas em uma única Cruz Vermelha Espanhola⁽²⁰⁾. Esta fusão não foi fácil, mas graças à capacidade de negociação adquirida pela Duquesa de Vitória quando seu marido esteve vinculado à Embaixada, e à sua capacidade de escuta desenvolvida durante os conflitos vividos, foi possível unir as duas organizações da Cruz Vermelha e a instituição foi remodelada⁽⁸⁾.

Dado o compromisso inquestionável demonstrado por Carmen Angolotti com a Cruz Vermelha Espanhola, a entidade novamente lhe atribuiu o cargo de Chefe da Seção Nacional de Enfermeiras e Inspectora da seção de Hospitais da Cruz Vermelha Nacional⁽¹⁰⁻¹²⁾. Além disso, viúva, sem filhos e apaixonada pela enfermagem, se dedicou à formação de enfermeiras no Hospital Escola Central da Cruz Vermelha até os 84 anos de idade^(8,10-12).

A Duquesa morreu em 4 de novembro de 1959. Oito livros reúnem as condolências de milhares de espanhóis agradecidos⁽⁸⁾.

CONCLUSÃO

A revisão historiográfica da vida de Carmen Angolotti y Mesa tem sido trabalhosa, pois a maior parte da informação foi extraída de fontes primárias de arquivos do Centro de Documentação da Cruz Vermelha Espanhola. Este fato demonstra a escassa difusão de sua pessoa nos manuais de história da enfermagem espanhola.

O objetivo da pesquisa foi mais do que alcançado, pois ao estudar a documentação selecionada, o forte compromisso mantido ao longo da vida por Carmen Angolotti y Mesa com a pessoa em sofrimento e o louvável trabalho realizado na Cruz Vermelha Espanhola lhe valeram a Medalha Florence Nightingale, distinção que a ligou à instituição até o fim de sua vida.

Depois de analisar todas as informações, as fontes revelam que com sua honestidade, capacidade de gestão e profissionalismo na realização do trabalho de enfermagem em ambiente hostil, a missão humanitária formada por enfermeiras profissionais da Cruz Vermelha na Guerra do Rife, sob liderança de Carmen Angolotti, respondeu à tragédia socio sanitária causada pelo conflito bélico, e com tenacidade e empenho, também demonstrou pioneirismo no desenvolvimento do transporte aeromédico.

Este artigo colabora para o reconhecimento do trabalho realizado por Carmen Angolotti y Mesa junto à Cruz Vermelha Espanhola, e para homenagear todas as enfermeiras que deram o melhor de suas vidas aos cuidados de feridos em condições adversas numa terra hostil.

Nas palavras de Indalecio Prieto no Congresso dos Deputados da Espanha em 18 de outubro de 1921, “Conheço nesta guerra um heroísmo diante do qual me ajoelharia, e ao de algumas senhoras, qual seja a sua linhagem, uma consciência honesta como a minha não pode ficar em silêncio. Refiro-me àquele pequeno, minúsculo, pequeno grupo, liderado por aquela heroína chamada Duquesa de Vitória”⁽¹⁴⁾.

Expressamos nossa imensa gratidão a Carmen Angolotti y Mesa, Duquesa de Vitória, pelo legado de ensinamentos que nos deixou sobre a arte de cuidar da pessoa em sofrimento com humanidade e qualidade. Ainda declaramos nossa admiração por seu modelo de trabalho, que deve ser uma referência no desenvolvimento da nossa atividade de enfermagem.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A revisão historiográfica é sempre complexa, pois muitas vezes não é possível encontrar documentos relevantes sobre a vida do investigado. Na Espanha, se acrescentarmos a esse fato que se investiga a vida de pessoas relevantes na primeira metade do século, a missão pode ser impossível, pois durante a guerra civil muitos documentos foram destruídos.

Como sugestão para futuras pesquisas sobre a vida de Carmen Angolotti y Mesa, a Duquesa de Vitória, seria aconselhável rever a possível existência de documentação nos arquivos da sede da Cruz Vermelha em Genebra, Suíça.

CONFLITOS DE INTERESSE

Nada a declarar.

FOMENTO/AGRADECIMENTO

Nosso sincero agradecimento a todas as pessoas que nos proporcionaram acesso às fontes primárias e nos ajudaram durante todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Rojas JL. Tarifa y las campañas de Marruecos, 1909-1927. Aljaranda: Rev Estud Tarifeños [Internet]. 2018 [cited 2023 Jul 27];92:47-66. Available from: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6882644>

2. Martínez FJ. Estado de necesidad: la Cruz Roja Española en Marruecos, 1886-1927. *Hist, Ciênc, Saúde Manguinhos*. 2016;23(3):867-86. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702016000300008>
3. Acosta JMG. El Protectorado español en Marruecos: repertorio biográfico y emocional. *Iberdrola*[Internet]. 2015 [cited 2023 Jul 27];1-2. Available from: http://www.lahistoriatrascendida.es/documentos/libros/L_PROTECT_VOL1_INT_BAJA.pdf
4. Martínez FMÁ. El desastre de Annual según el informe Picasso. Madrid: Punto Rojo Libros; 2021. 458 págs.
5. Navarro Suay R, Plaza Torres JF. 1925: Cuando volvimos a ser grandes... el apoyo sanitario en el desembarco de Alhucemas. *Sanidad Militar* [Internet]. 2012 [cited 2023 Jul 27];68(4):247-56. Available from: https://scielo.isciii.es/pdf/sm/v68n4/historia_humanidades.pdf
6. González Canomanuel MA. Aportaciones de la Cruz Roja al comienzo de la aviación sanitaria. Madrid: Editorial Dykinson; 2021. 116 págs.
7. Siles-González J, Solano-Ruiz C. El modelo estructural dialéctico de los cuidados: una guía facilitadora de la organización, análisis y explicación de los datos en investigación cualitativa. *Investig Cualit Salud* [Internet]. 2016 [cited 2023 Jul 27];(2):211-20. Available from: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/754/741>
8. Angolotti de Cárdenas I. La Duquesa de la Victoria. Editorial Altamira; 1958. 132 págs.
9. Cruz Roja Española. Creación de un Cuerpo de Enfermeras profesionales. Madrid: Archivo Centro de Documentación Cruz Roja, 1924.120 págs.
10. Espejo MM. Las damas enfermeras de la Cruz Roja española durante el reinado de Alfonso XIII. Madrid: Editorial Dykinson; 2018. 317 págs.
11. Clemente JC. La Cruz Roja en España. Madrid: Edita Cruz Roja de Madrid; 1989. 166 págs.
12. Clemente JC. La Escuela Universitaria de Enfermeras de Madrid: historia de una iniciativa humanitaria de la Cruz Roja Española, 1918-1997. Madrid: Fundamentos Editorial; 1999. 358 págs.
13. Pando J. *História Secreta de Annual*. Madrid: Temas de Hoy; 1999. 423 págs.
14. Pérez Frias PL. Carmen Angolotti Mesa, Duquesa de la Victoria, 'Primera dama'. *Epistēmai, Rev Dig Soc Erasmiana Málaga* [Internet]. [ND][cited 2023 Jul 27]. Available from: <https://epistemai.es/archivos/3277>
15. Cruz Roja Española. Memoria del Hospital de la Cruz Roja de Melilla, 1921,1922, 1923.Madrid: Archivo Centro de Documentación Cruz Roja, 1924. 116 págs.
16. González Canomanuel MA. Elvira López Maurín, la primera enfermera militar de la aviación sanitaria española: la historia de un acto heroico olvidado. *Sanidad Militar* [Internet]. 2017[cited 2023 Jul 27];73(1):68-74. Available from: https://scielo.isciii.es/pdf/sm/v73n1/historia_humanidades.pdf
17. Real Academia de la Historia. Carmen Angolotti Mesa: biografía [Internet]. 2018[cited 2023 Jul 27] Available from: <https://dbe.rah.es/biografias/134859/carmen-angolotti-mesa>
18. Sánchez Suárez MA. Mujeres en Melilla [Internet]. *SATE-STEES*; 2004[cited 2023 Jul 27]. 206p. Available from: https://www.stes.es/melilla/revista/mujer_melilla.pdf
19. Moral Roncal AM. La duquesa Carmen Angolotti, enfermera en el frente y salvada de morir en la Guerra Civil. *El Debate Hoy* [Internet]. 2018 [cited 2023 Jul 27]. Available from: <https://eldebatedehoy.eldebate.com/historia/carmen-angolotti/>
20. García López, A. Entre el Odio y la Venganza. Espacio Cultura Ed; 2016. 316 págs.